

# Aids já assusta aldeias indígenas

**Nelson Francisco**

Da Redação

O fantasma da Aids já chegou até as aldeias indígenas em diversas localidades espalhadas por todo o País. Apesar de não haver ainda uma estatística oficial de quantos índios estariam contaminados, o Ministério da Saúde vai distribuir camisinhas em áreas indígenas que estão próximas a garimpos, cidades e grandes projetos mineradores e madeireiros. A medida faz parte de um plano para evitar a propagação do vírus HIV devido a convivência entre os índios com o homem branco.

A distribuição do material envolverá a Fundação Nacional do Índio (Funai), Fundação Nacional de Saúde, organizações não-governamentais (ONGs) e os Ministérios da Educação e do Exército. O Amapá foi o primeiro Estado onde o programa de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST/Aids) já começou numa ação emergencial, devido ao registro de um caso de Aids numa índia proveniente do Suriname.

Em Mato Grosso, o Programa de DST/Aids foi implantado no ano passado nas aldeias indígenas Bakairi, Pareci, Umitiba e Rikbat-sa, em Juína. Técnicos da Fundação Nacional de Saúde e da Funai estiveram nas aldeias desenvolvendo um trabalho educativo através de vídeos e folders explicando a utilização correta da camisinha. Oficialmente, ainda não foi registrado nenhum caso no Estado. Segundo o indigenista Nelson Sacchi, apesar do choque inicial com a idéia de se utilizar a camisinha nas relações sexuais, a maioria dos índios gostaram da campanha. "A dificuldade maior de se acostumar

com essa idéia é dos índios com mais idade".

No Brasil, segundo o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), desde 1986 cerca de 13 índios já adquiriram o vírus HIV. Mas o Ministério da Saúde não confirma os números, já que não há trabalho de coleta de números e nem distinção entre os grupos.

Na avaliação do indigenista da Operação Amazônia Nativa (Opan), Ivan Bussato, apesar do choque cultural que a camisinha poderá provocar nos índios, a medida do Ministério da Saúde é im-

portante, devido à própria desagregação das tribos indígenas. "Na verdade, o risco maior é a saída dos índios para a cidade", disse, lembrando que muitos índios hoje freqüentam zonas de prostituição, principalmente em cidades onde existem garimpos.

Este é o caso de algumas aldeias como a Reserva Indígena Sararé, onde os 76 índios Kithaurli, subgrupo Nhambiwara, têm convívio direto com madeireiros e garimpeiros. Apesar de não existir um levantamento oficial da Funai, sabe-se que existem índios com doenças sexualmente transmissíveis. "O tabu do uso da camisinha pode ser quebrado. Mas certamente os mais velhos não vão adotar esse hábito", lembra Bussato.